

GERALDINOS: Uma análise crítica sob a perspectiva da gentrificação do espaço

IAN GUIMARÃES BERTI

ANA JULIA GUIMARÃES BERTI
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

GUILHERME LOURENÇO DA SILVA TESCARO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL-MG)

PAULA GONTIJO MARTINS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL-MG)

GERALDINOS: Uma análise crítica sob a perspectiva da gentrificação do espaço

Introdução

O futebol é algo que começou como da elite inglesa e após sua disseminação passou a ser um esporte para qualquer um que tivesse uma bola, mudando realidades e movendo sentimentos individuais e coletivos. Porém quando o dinheiro começou a rolar, mais que a bola, o futebol passa a ser mais que um esporte, constitui um espetáculo, fonte de lazer e entretenimento da população, em geral de baixa renda, ao qual a população não se depara com o que está sendo realizado dentro da sociedade, para que o proletariado, que tinha a oportunidade de assistir a um jogo, use isso como um escape.

Aprofundando a discussão do ponto de vista do espectador, é possível afirmar que isso só acontece porque o futebol é um produto da cultura de massa. Sempre esteve e estará voltado ao público para atender necessidades básicas de satisfação (Santos, 2000).

O objetivo geral deste trabalho é refletir e discutir sobre o processo de gentrificação do espaço da “geral”, no estádio do Maracanã, diante da reforma predial realizada no ano de 2005. E para isso, metodologicamente propõe-se uma revisão bibliográfica sobre os termos, aliado à análise fílmica do documentário *Geraldinos (documentário realizado em 2015, dirigido por Pedro Asbeg e Renato Teixeira)*.

Para Amazarray (2011 p. 65),

não há uma intrínseca relação política, mas o fato de que pessoas efetivamente vestem materiais com tais símbolos mostra o que pode ser feito se uma agenda efetiva de politização fosse implementada. Apenas uma figura, sem doutrinação, faz com que os torcedores defendem os símbolos que se identificam com seus times.

Desse modo, é possível compreender que as torcidas organizadas ultrapassam a função de simples espectadores e assumem um papel político dentro do espaço social. Quando se posicionam de forma autônoma, tornam-se incômodas para estruturas de poder que buscam controlar o comportamento coletivo. Como consequência, essas torcidas são frequentemente estigmatizadas e representadas como ameaças à ordem pública. Em vez de romper com essa imagem negativa, muitos torcedores acabam apropriando-se dela como forma de resistência simbólica e identidade coletiva.

É possível ver a união que os geraldinos têm entre si e sua causa, a geral, são organizados no sentido individual no qual cada um tem sua respectiva personalidade e individualidade e também coletivamente como geraldinos porém tal coletividade e individualidade pode gerar a exclusão de novos torcedores se unirem a causa da geral e pertencerem a esse lugar.

A forma que se organizam politicamente e exclusivamente entre si, as insalubridades da geral e a falta de uma estrutura mais adequada para os geraldinos é notável, porém é visto que eles não têm consciência de que ali era precário e mesmo assim continuavam a torcer e se orgulhar de serem a geral, entendemos então que a geral não é só um lugar de pertencimento e vivências positivas, mas também há um reflexo negativo nas condições que eles são impostos a torcer.

Assim, é possível compreender que este trabalho realizou uma análise sobre o processo de gentrificação que tem como base a busca pelas intervenções, requalificando, revitalizando e modernizando espaços públicos e privados que são considerados degradados (Gutteres, 2016) tendo como gerador da mudança uma parceria público-privado e tendo o objetivo de “melhorar” os espaços urbanos visando a melhoria na mobilidade, investimentos na qualidade de vida, porém na prática as consequências para tais mudanças são negativas, gerando um grande processo de exclusão social. Guterres (2016) chama este problema gerado de “discurso de esvaziamento” que foi observado na vida de quem frequentava o Maracanã. Contudo o texto teve como base a exclusão dos geraldinos, que com um planejamento arquitetônico do novo maracanã e Rio de Janeiro usaram dessas ferramentas de gentrificação

para dar continuidade neste processo, sendo a exclusão da geral um dos pontos a serem “higienizados”.

Assim, este trabalho utilizou na visão da elitização das torcidas com foco nas torcidas que frequentavam o Maracanã, que passou pela privatização, onde os torcedores de todas as equipes que usavam o estádio eram contra. Inicialmente, as torcidas que compareceram ao estádio representavam paixão autêntica pelo futebol, porém foram gradativamente influenciadas por mudanças externas.

A privatização do Maracanã alterou significativamente a dinâmica do ambiente esportivo, tornando-o menos acessível e afetou a forma de torcer para o time e realizando a exclusão dos torcedores populares após as reformas no estádio, substituindo público historicamente presente por um novo perfil consumidor, de maior poder aquisitivo, o documentário lança luz sobre as mudanças realizadas em relação aos torcedores. Geraldinos, assim eram chamados os torcedores fanáticos, que frequentavam a geral. Os geraldinos eram torcedores que pagavam os menores valores de ingressos. Ficavam mais próximos ao gramado, sem arquibancada, sem proteção de chuva ou sol e ainda sujeitos aos ataques de objetos e bebidas vinda do pessoal que está na arquibancada. Uma situação precária e desconfortável, que mereceria devida atenção, sem a exclusão definitiva deste público do campo.

A terminologia “geraldinos”, cunhada pelo jornalista carioca Washington Rodrigues, dá origem ao título do documentário, dirigido por Pedro Asbeg e Renato Teixeira, cujo significado refere-se a designar os frequentadores desse espaço, que ocupavam a Geral do Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã). De acordo com o Dicionário *Houaiss*, o termo "geral" designa uma área dos estádios localizada ao nível do campo, desprovida de arquibancadas ou cobertura, onde os espectadores assistiam às partidas em pé (Folha, 2016).

Os geraldinos eram compostos por pessoas de classes sociais mais baixas, em sua maioria, apaixonadas pelo clube, abraçavam com euforia a emoção de estarem a poucos metros de sua maior alegria, e para isso não olhavam a precariedade da geral ou os problemas que viriam enfrentar como chuva, sol e com tudo se mantinham de pé de forma a resistir.

Figura 1 - Condições precárias da Geral



Fonte: Observatório, 2017.

Com o tempo, o amor e o fanatismo dos geraldinos foram ganhando maior atenção. Conquistaram a atenção dos técnicos e principalmente dos jogadores que viam nos geraldinos uma possibilidade de se auto promover e chegavam a tentar subornar os torcedores com agrados para que os mesmos gritassem seu nome, influenciando assim o técnico a colocarem esse jogador em campo, visto que os geraldinos não eram visto apenas como torcedores, mas também como membros capazes de influenciar na escalação do time.

Essa “parceria” entre técnico e geraldinos não era pacífica. Os torcedores, movidos pelo fanatismo, usavam de palavreados de baixo calão e emprego de violência através de

arremesso de objetos em direção ao técnico e jogadores, sempre que os mesmos não tinham desempenho esperado durante o jogo.

Não é difícil de se imaginar que os geraldinos não agradavam a todos. Devido a postura impositiva de cobranças mais intensas, havia técnicos que repudiavam esses atos e, em contrapartida, os geraldinos, sendo os técnicos motivos de pedido de demissão e dispensa de clubes do Rio de Janeiro.

Os Geraldinos eram reflexo do ambiente que frequentavam, eram unidos evidentemente, porém não isentava eles de terem problemas, eram agressivos nas atitudes e falas e sem medo das consequências. A geral era constantemente chamada de “uma terra sem dono”, sem leis, era notório não ser um ambiente “familiar”, pois além da insalubridade do local os geraldinos eram autênticos com suas emoções, ou seja, palavrões, gritos e xingamentos eram costume, mas isso não deveria tirar o direito deles de terem seu local de pertencimento no Maracanã e serem excluídos do Maracanã.

Mesmo com todas estas questões, há que se reconhecer o papel dos Geraldinos em sua relação com os jogadores e técnicos em campo. Havia jogadores que amavam a energia transmitida pelos torcedores eufóricos que gritavam, cobravam e motivavam os jogadores a buscar maior desempenho durante a partida. Um deles é o craque Romário, que em suas passagens pelos clubes do Rio não deixou de enaltecer os geraldinos e provocá-los também, de acordo com Romário no documentário Geraldinos (28 de abril de 2015), tudo fazia parte do espetáculo.

O documentário inicia retratando a realidade dos torcedores da geral, grito e euforia são as marcas registradas dos geraldinos, famosos por ficarem próximos ao gramado e trazerem cada um sua peculiaridade individual para somar à torcida.

Segundo o documentário Geraldinos (2015), a Geral era composta por torcedores de todos os jeitos, tinham os astros da geral, aqueles que ganhavam fama devido algum evento que só aquele torcedor poderia proporcionar, tinha os supersticiosos que acreditavam em sua contribuição com auxílio de forças divinas e existia até mesmo aqueles que iam até a geral mas não acompanhavam o jogo, apenas andavam de lá para cá, sentindo a energia do ambiente e somando forças com a torcida.

Pode-se dizer que a geral era mais que um ambiente destinado a torcedores de baixa renda, que apesar da precariedade no quesito segurança e a salubridade do local, não afastava os geraldinos dali! A geral era um ponto de encontro, um lugar de distração onde muitos torcedores somavam suas energias para apoiar o time, mas que também frequentavam o ambiente para espalhar, retirar o peso e o cansaço trago pela semana, colocar toda a raiva para fora, rever amigos e ter seu momento de lazer (Geraldinos, 2015).

A geral era a alegria do povo e seu fim gerou muita revolta e saudades como em entrevista diz Apolinho, ex-técnico do flamengo:

Essa gente que fazia parte da história, que participava, ela tinha uma comunicação com os jogadores, muito grande, motivava e levava, eu já vi o próprio Zico dando entrevista e dizendo que ele se motivava, ele corria olhando para a geral, interagindo com o "geraldino" depois de meter um gol - contou o radialista. (Terra, 2021)

Em entrevista concedida ao portal Terra, o ex-técnico do Flamengo e radialista Washington Rodrigues, conhecido como Apolinho, demonstrou insatisfação com a transformação do ambiente no Maracanã após as reformas. Em tom de desabafo, ele lamenta a ausência da vibração popular que caracterizava as antigas torcidas, especialmente as organizadas, dizendo: “Agora está muito quietinho, negócio de bater palminha e tal, sinceramente, eu sinto falta das torcidas organizadas, enfim, mas hoje é assim” (Terra, 2021).

A grande revolta e motivo de inúmeros protestos e manifestações de descontentamento, também é abordado no documentário. O que foi maquiado pela reforma do maracanã, podemos chamar de “higienização social” ou como Gutierrez trás o “discurso de esvaziamento” (Gutierrez,2016). Onde o objetivo é selecionar o público que irá frequentar

aquele local e com isso poder ter maior retorno monetário, visto que o nível de classe no ambiente iria aumentar, em poucas palavras, não há mais espaço para a geral e os geraldinos.

Figura 2 - A geral em pleno vapor nos meados dos anos 80



Fonte: Academia Brasileira de Cinema, 2017

O fim da geral representou o marco inicial do processo de gentrificação do Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. A reforma e remodelagem do estádio previam uma estrutura mais moderna e elitizada, com camarotes premium e a eliminação total do espaço popular da geral. O que inicialmente foi apresentado como uma simples modernização estrutural acabou sendo duramente criticado por especialistas e movimentos sociais.

A descaracterização do estádio, tombado pelo IPHAN desde 2000, foi vista por muitos como uma violação ao patrimônio cultural nacional, gerando acusações de que a obra descumpriu dispositivos legais e constitucionais ligados à proteção de bens públicos (Girão, 2012). Ao mesmo tempo, diversos protestos, ocupações simbólicas e manifestações públicas foram organizados por torcedores e cidadãos, configurando um movimento de resistência popular em defesa do direito à cidade, ao lazer e à memória coletiva, aspectos centrais de uma luta democrática.

As inúmeras manifestações de torcedores reivindicaram a volta da geral. Foi legitimada quando a ficha caiu e foi nítido que a reforma não passava de uma “higienização social”, refletindo uma insatisfação crescente diante da elitização dos estádios após as reformas promovidas no contexto da Copa do Mundo de 2014.

Esse sentimento não se restringe ao Maracanã, mas também se expressa em movimentos semelhantes em outros estados, como em Minas Gerais, onde torcedores e ex-atletas iniciaram campanhas públicas pela volta da "geral" no Mineirão, defendendo o direito à vivência popular no estádio e o resgate da identidade cultural das torcidas (BHAZ, 2023).

Ambos os movimentos expõem o conflito entre a modernização dos estádios e a exclusão social, denunciando as reformas como instrumentos de segregação que transformaram o futebol, historicamente um espaço de pertencimento popular, em um ambiente cada vez mais elitizado (R7, 2019).

A morte da geral foi consciente para quem matava e inconsciente para quem vivia nela, não foi questionado ou avisado sobre a possibilidade de “reforma” foi uma morte direta e sem erros, programada para não ter desvios ou interferências, a morte da geral foi encomendada e não foi questionado o que os geraldinos pensavam, suas vozes não foram caladas mas inibidas.

Não se tratava mais apenas da volta da geral, mas da volta ocupacional de pessoas de baixa renda ao local que historicamente sempre foi frequentado por eles. O fim da geral deu início a uma revolta democrática que foi a ponta do iceberg das inúmeras irregularidades que rodeavam a referida "reforma" que não era apenas estrutural, mas também uma reforma que visava mudar a cara do público. Direcionado o espaço a grande burguesia carioca.

No caso da geral do Maracanã, esse fenômeno se manifesta na exclusão dos torcedores populares após as reformas no estádio, substituindo um público historicamente presente por um novo perfil consumidor, de maior poder aquisitivo.

Com essa valorização, há uma mudança estrutural em todo o bairro Maracanã no Rio, os preços dos aluguéis e imóveis aumentam, o que muitas vezes resulta na expulsão dos antigos moradores da região, que não conseguem mais arcar com os novos custos de vida, desta forma podemos olhar com a perspectiva do processo de transformação economia do estádio maracanã, quando passou por obras que mexeram com a estrutura do público que ia aos jogos.

A gentrificação é uma resposta específica a época marcada pela perda de indústrias e pelo abandono de áreas urbanas importantes, com o aumento do setor de serviços, a precarização do trabalho e, especialmente, a presença de uma classe marginalizada fora do mercado formal (Vainer, 2000).

Assim fica possível observar a forma que a gentrificação foi instaurada dentro do maracanã e afetou os geraldinos, afastando aqueles que tinham acesso ao futebol através da geral, marginalizando quem frequentava este local, assim foi possível compreender que o maracanã e a geral foram vendidas sem pensar nas ações que isso poderia causar, como é dito no trecho de Vainer (2000, p. 83):

Em síntese, pode-se afirmar que, transformada em coisa a ser vendida e comprada [...] a cidade não é apenas uma mercadoria, mas também, e sobretudo, uma mercadoria de luxo, destinada a um grupo de elite de potenciais compradores.

Dessa forma, é possível perceber que a elitização do Maracanã começou a partir de decisões institucionais e estruturais, como a reforma do estádio e a concessão à iniciativa privada, e se refletiu diretamente nos torcedores da geral. Os geraldinos foram gradativamente excluídos do espaço que tradicionalmente ocupavam, dando lugar a uma nova classe de frequentadores com maior poder aquisitivo. Essa substituição simboliza como o capitalismo atua sobre o espaço urbano, impondo suas lógicas de consumo e exclusão. Como afirma Marx (2013), a acumulação de riqueza de um lado implica, simultaneamente, o acúmulo de miséria, sofrimento, ignorância e degradação do outro.

Fundamentação Teórica: O “lugar” dos Geraldinos

A partir de uma leitura crítica sobre os processos contemporâneos de transformação urbana, como discutido por Fernanda Sánchez (2001), é possível observar que a elitização dos espaços não ocorre apenas após as reformas físicas, mas se antecipa a elas por meio de políticas públicas e estratégias de mercado voltadas à valorização imobiliária.

Nesses processos, as cidades passam a ser tratadas como vitrines de consumo, onde tanto os espaços quanto as pessoas se transformam em mercadoria. Nesse contexto, a nova racionalidade capitalista, voltada à maximização da eficiência econômica e à reorganização territorial, introduz modernas formas de dominação e técnicas de manipulação cultural (Bourdieu, 1998; Santos, 1996).

O poder público, aliado a interesses econômicos, utiliza diversas estratégias para promover a chamada "venda simbólica" da cidade, transformando o espaço urbano em objeto de consumo. Essa comercialização ocorre de forma indireta, por meio de políticas de requalificação urbana, eventos de grande porte e concessões de espaços públicos. Tais ações representam uma convergência entre interesses políticos e econômicos que visam tornar as cidades atraentes para o capital privado, em detrimento do uso popular e democrático dos espaços urbanos.

A partir dos anos 90, as cidades começaram a ser 'vendidas', o que indica que o espaço urbano passou a ser tratado como mercadoria (Sánchez, 2001). Com isso, pode-se compreender onde os geraldinos entram nesta equação, colocando a venda o lugar como

sentimento e vendendo o lugar como uma mercadoria um objeto de luxo, sendo os produtos que foram vendidos sem o consentimento deles para a elite, ficando evidente que o *trade off* precisa sempre ser positivo para um lado só, o lucro precisa ser alto independente das consequências para os usuários anteriores com o intuito de mudar o estilo do estádio, atraindo outros olhares, mudado a visão estabelecida no plano estratégico implementando na cidade e que recai sobre o estádio mais importante da cidade e do país. Os autores Borja e Castells comentam que a "pobreza urbana e a marginalização", como parte do que chamam de "entorno social", "condicionam ou influenciam consideravelmente nas decisões dos agentes econômicos, na atratividade da cidade" (Borja; Castells, 1997, p. 133).

Assim, a transformação das cidades em mercadoria sinaliza que o processo de mercantilização do espaço urbano alcançou um novo patamar, impulsionado pelo avanço do capitalismo, pela expansão da economia de mercado e pela lógica globalizada (Sánchez, 2001). Nesse contexto, a antiga "geral" do Maracanã, antes valorizada como espaço de pertencimento popular, passou a ser vista pelas elites e pelo poder público como um local desorganizado, associado à desordem e à informalidade.

Essa mudança de percepção reflete uma disputa simbólica sobre o uso da cidade: o que é considerado "adequado" ou "limpo" depende da posição social e do ponto de vista de quem observa. Como aponta Ribeiro (1999), "aquilo que se vê depende de onde se olha e para onde se olha", evidenciando que a exclusão da geral também foi construída por narrativas que deslegitimaram a sua importância cultural e social.

A geral do Maracanã, apesar de ser um espaço popular, reunia torcedores de diferentes perfis sociais, majoritariamente das classes mais baixas, e tornou-se símbolo de uma cultura de torcida mais espontânea e intensa. Esse espaço, por sua acessibilidade, permitia a presença de grupos que, muitas vezes, eram excluídos dos setores mais caros do estádio.

Ainda que marcada por manifestações de forte identidade e paixão, a geral também refletia contradições sociais mais amplas, como disputas simbólicas, desigualdades e tensões entre torcedores. Como destaca Sánchez (2001), os espaços urbanos carregam significados que vão além de sua materialidade e são continuamente produzidos por práticas sociais e representações:

"reflexão lefebvriana acerca da produção do espaço: é necessário entender não apenas como os lugares adquirem qualidades materiais, mas também como adquirem valor simbólico através de atividades de representação" (Sánchez, 2011, p. 31-49)

Era claro que a geral não limitava a forma de torcer e, principalmente, não restringia o acesso de torcedores, já que o ingresso custava, em média, entre R\$3 e R\$10 até 2005, oferecendo ingressos a preços acessíveis. Com a desativação desse setor e as reformas subsequentes, os preços dos ingressos aumentaram significativamente. Hoje, os ingressos para os setores Norte e Sul variam entre R\$60 e R\$80 em partidas normais, e podem chegar a R\$120 em clássicos, representando um aumento de mais de 3.000% em duas décadas (Folha, 2006; Uol, 2025).

Esse salto nos preços resulta na exclusão sistemática de grande parte da população, especialmente dos torcedores de baixa renda que tradicionalmente ocupavam esse espaço. A elitização do estádio, portanto, não se deu apenas pela estrutura física reformulada, mas também pelo novo modelo de acesso baseado no poder de consumo. Esse processo evidencia a gentrificação, restringindo o acesso de torcedores populares e transformando o Maracanã em um espaço cada vez mais exclusivo.

Assim, a "modernização" do estádio maracanã, que gerou símbolos de bem-estar e satisfação na utilização dos espaços de lazer, moldou comportamentos e estilos de vida, e favoreceu a valorização de locais, além de promover usos considerados 'adequados' aos novos frequentadores. Em resumo, os compradores dessa mercadoria, os responsáveis pela "modernização" transformam esses novos lugares em um espetáculo (Sánchez, 2001), mudando não só o dia de futebol, mas o cotidiano de quem usava o local.

A elitização do Maracanã teve como primeiro estágio o fim da geral, posteriormente veio a reforma bilionária. A junção disso fez a seletividade dos novos torcedores que seriam a nova cara do Maracanã.

O Estádio do Maracanã foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2000, o que implica que qualquer intervenção significativa em sua estrutura requer autorização prévia desse órgão. Durante as reformas para a Copa do Mundo de 2014, houve controvérsias sobre a demolição da marquise original do estádio, com críticas de especialistas que consideraram a intervenção uma violação das normas de preservação do patrimônio cultural (Girão, 2012).

Em relação à concessão do estádio, em 2013, o Governo do Estado do Rio de Janeiro firmou um contrato de Parceria Público-Privada (PPP) com o Consórcio Maracanã S/A, formado pelas empresas IMX, Odebrecht e AEG, para a gestão do complexo esportivo por 35 anos. Essa concessão foi alvo de críticas devido à utilização de recursos públicos nas reformas e à posterior transferência da administração para a iniciativa privada (Afonso, 2015).

É notório que após todo esse processo o futebol passou de um espetáculo baseado no entretenimento que levava o povo de classe baixa mais perto do seu time para um espetáculo focado no lucro que atraia novos agentes econômicos. Dito isto é importante ver a visão europeia:

Os maiores clubes europeus, por exemplo, fazem – anualmente – de suas pré-temporadas, verdadeiras excursões aos países do Oriente em busca não apenas de novos torcedores, mas principalmente e acima de tudo em busca de um grande e rentável mercado consumidor de produtos relacionados às suas marcas. Busca-se não mais apenas torcedores, mas principalmente consumidores dos produtos relacionados às equipes de futebol. (Castellari, 2010, p.24)

Desde então, os clubes passaram a ser encarados como empreendimentos comerciais, buscando o lucro como resultado final almejado. No entanto, para alcançar esse objetivo, teve início a “modernização” dos estádios, transformando o local da partida em um verdadeiro shopping. São incorporadas lojas, praças de alimentação e tudo o que possa ser explorado comercialmente antes, durante e após os jogos.

Para entender como é usado neste mercado:

neste novo cenário, todo espaço deve ser aproveitado. As placas de publicidade no campo, a exclusividade de determinada marca na venda de bebidas, e mesmo o nome do estádio – o chamado *naming rights* (Ebling, 2014, p 19).

E essa foi a transformação do esporte para um mercado economicamente ativo. No entanto, nesse novo cenário, os torcedores de baixa renda perderam espaço. Reconhecidos internacionalmente por seu apoio fervoroso, a classe social C e D foi praticamente “excluída” de alguns estádios europeus. Um espetáculo que movimenta quantias exorbitantes requer um público à altura de seu investimento.

O alto preço dos ingressos determinou quem estava apto a ir ou não ao espetáculo que é uma partida de futebol, então fica-se o questionamento:

Mas qual a linha que separa a modernização da elitização? Como possuir finanças equilibradas sem excluir a camada social mais baixa? É possível fazer algo sustentável, moderno e com espaço para os diversos públicos? Pode-se ganhar dinheiro sem transformar o futebol em um simples negócio? O que tirar da experiência inglesa, em que as camadas populares foram quase que “excluídas” do estádio? Ou em uma só pergunta: é possível modernizar o futebol, sem elitizá-lo? (Ebling, 2014, p 20).

A gentrificação, conforme discutem Machado, Júnior e Souza (2023), consiste em um processo de requalificação urbana vinculado à lógica neoliberal, em que espaços antes populares passam a ser revalorizados sob a ótica do capital, provocando deslocamentos simbólicos e materiais de seus antigos usuários. No Rio de Janeiro, esse fenômeno foi intensificado por megaeventos esportivos e culturais, que transformaram bairros inteiros em objetos de consumo, subordinando o valor de uso dos espaços ao seu valor de troca.

Essa lógica se estende ao Maracanã, onde a extinção da “geral”, setor tradicionalmente ocupado por torcedores populares, reflete o processo de elitização do espaço urbano e a substituição do torcedor “raiz” por um novo perfil de consumidor, dentro de um modelo de cidade-mercadoria.

Figura 3 - Geraldinos mais “raizes” e conhecidos



Fonte: Adoro Cinema, 2017.

Para os autores, esse processo afeta diretamente o que se entende da geral sob três olhares: espaço como lugar, identidade e experiência. Segundo a geografia humanista, o “espaço” se transforma em “lugar” quando carrega sentidos afetivos, culturais e simbólicos. A geral não era apenas uma parte do estádio, mas um lugar vivido por gerações de torcedores. O vínculo afetivo com aquele espaço tornava a geral um lugar de pertencimento, de memória e de identidade coletiva.

Como “lugar”, a geral representa um espaço carregado de significados e sentimentos, um ponto de encontro onde a presença física e emocional dos torcedores fazia sentido e através de um sentimento de pertencimento se transbordava por eles. Nas palavras dos autores, a gentrificação não se limita à arquitetura: “ela atinge a sociabilidade, reconfigura vínculos e desloca sentidos de identidade territorial” (Machado; Junior; Souza, 2023, p. 177).

Como identidade, a geral expressava a cultura popular e lutava por uma organização do futebol enquanto produto. A identidade espacial está ligada com os sujeitos que dão sentido ao lugar. A geral representava a identidade do torcedor “raiz”, aquele que vibrava, sofria, comemorava e sentia com intensidade. A sua morte significa a tentativa de apagar essa identidade coletiva e substituí-la por uma lógica consumista e com a padronização elitista.

Os geraldinos possuíam uma identidade coletiva associada à fidelidade, paixão e crítica social. A elitização do estádio forçou uma nova lógica simbólica e comercial que matou a identidade, como também ocorreu com os símbolos populares de bairros como Vila Isabel, descritos no artigo, evidente que existia formas de evitar tal morte de identidade, mudando os geraldinos de lugar, haveria evidentemente a morte da geral mas o legado que permaneceria os geraldinos ainda resistiriam dentro do estádio, ao contrário do que foi aplicado.

Mesmo que o espaço também seja vivido como experiência sensorial e emocional. A geral era marcada por sons, cheiros, interações físicas e sociais. Os geraldinos não apenas assistiam ao jogo, mas viviam o estádio com intensidade. A substituição por camarotes e cadeiras numeradas esvaziou esse espaço de sua vivência popular (Machado; Junior; Souza, 2023).

A geral também deve ser vista como espaço de experiência, pois ali viviam intensamente os jogos: o suor, o grito, os cheiros e os estilos individuais e coletivos constituíam práticas que não eram apenas de consumo, mas de participação ativa no espetáculo. Ao matar a geral, o que morre não é apenas um setor do estádio, mas toda uma forma de viver o futebol, trocada por uma experiência higienizada, silenciosa e artificial.

Nesse sentido, o Maracanã vira um exemplo emblemático da articulação entre o capital simbólico do futebol e os interesses privados com ideias mercadológicas, que usaram a memória popular para fins de valorização imobiliária e exclusão social, como se deu também no reposicionamento da identidade de bairros, como Vila Isabel.

Metodologia: As lentes do documentário

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, optou-se por uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise fílmica do documentário Geraldinos (2015), dirigido por Pedro Asbeg e Renato Martins. A exibição apresenta a trajetória de torcedores da geral do Maracanã, evidenciando a exclusão social e simbólica desses sujeitos no processo de reforma e elitização do estádio. A escolha por esta obra fílmica se justifica por sua capacidade de representar e problematizar os impactos da mercantilização do espaço urbano e da gentrificação simbólica no campo dos esportes, em especial do futebol.

A análise fílmica, como destacam Moraes, Gomes e Helal (2016), permite acessar representações sociais, discursos e práticas que refletem a sociedade em que o filme foi produzido. Trata-se de uma metodologia interpretativa, cada vez mais utilizada nas ciências sociais, que valoriza o olhar atento sobre a linguagem audiovisual, permitindo extrair significados que vão além das primeiras impressões.

Conforme argumentam Vanoye e Goliot-Lété (2008), analisar um filme requer mais do que assistir; exige revê-lo e examiná-lo tecnicamente, desmembrando seus elementos constitutivos para compreender como se articulam em uma totalidade significativa. Tal análise demanda distanciamento crítico e fundamentação teórica, pois, "[...] não é possível conduzir, elaborar uma análise de filme apenas com base nas primeiras impressões" (Vanoye; Goliot-Lété, 2012 *apud* Moraes; Gomes; Helal, 2015, p. 511).

Partindo dessa perspectiva, foram selecionadas cenas-chave do documentário Geraldinos (2015) que evidenciam os processos de transformação do Maracanã, especialmente no que diz respeito à eliminação da geral e à substituição do torcedor popular por um público de perfil mais elitizado. Essas cenas foram vistas várias vezes, com atenção especial a falas, imagens, comportamentos e enquadramentos que contribuíssem para a compreensão dos conceitos de gentrificação, espaço como lugar, identidade e experiência.

A metodologia adotada, portanto, reconhece o filme como artefato cultural que "testemunha o real, tenta agir nas representações e mentalidades, regula as tensões ou faz com que sejam esquecidas" (Vanoye; Goliot-Lété, 2008, p. 54-55). Ao aproximar o documentário da literatura acadêmica, busca-se compreender como a linguagem cinematográfica traduz, tensiona e ressignifica os processos sociais em curso, sobretudo no contexto das reformas urbanas e esportivas no Brasil.

Mais que um lugar, mais que um estádio, a geral do maracanã

A seguir, como forma de analisar o documentário Geraldinos, foi separada a minutagem detalhada de algumas cenas.

Quadro 1 - Minutagem das cenas-chaves analisadas da obra fílmica

Minutagem	Descrição
Cena 1 5:20 - 7:20	Nesta cena apresenta-se como são os diferentes grupos, geraldinos e suas reações durante os jogos. Cada grupo possui uma forma diferente.
Cena 2 11:21 - 13:11	É apresentado quais são as condições que os geraldinos assistem aos jogos e mesmo com vários problemas e o ingresso aumentando seu valor.

Cena 3 22:11 - 25:20	Cena sem falas, somente uma sonoplastia presente com imagens da geral sendo destruída e como ficaria o maracanã com as reformas
Cena 4 26:13 - 27:38	Exclusão social feita no Maracanã, a expulsão direta dos geraldinos contra a vontade própria, tirando eles de sua casa, a geral.
Cena 5 28:17 - 31:23	É apresentado um dos responsáveis pela privatização do Maracanã, expondo como será muito bom a privatização e como para sua classe será boa, excluindo os que realmente serão afetados.
Cena 6 46:20 - 47:20	Aqui é apresentado um pai e um filho e é esclarecido o quão importante o estádio e o futebol tem história para eles.

Fonte: Elaborado pelos autores

O documentário *Geraldinos* (2015), dirigido por Pedro Asbeg e Renato Martins, atua como uma bússola de como chegou no ponto de transformação do Estádio do Maracanã, com foco específico na morte da “geral”, espaço normalmente ocupado por torcedores populares. A reestruturação física de um setor é um dos detalhes analisados, o filme expõe vários lados de um processo mais amplo: a gentrificação simbólica, econômica e afetiva de um espaço urbano esvaziado forçadamente que foi, durante décadas, um dos lugares mais significativos, uma casa para o torcedor, com alma própria e identidade única.

Ele oferece, assim, uma oportunidade para investigar a transformação do estádio em uma mercadoria que foi vendida, a exclusão de torcedores de baixa renda e mudança do estádio para uma arena elitizada e vendida para um público específico, alinhadas ao modelo de cidade-mercadoria como Vainer trás em seu capítulo no artigo *Pátria, empresa e mercadoria*.

A análise a seguir parte da metodologia qualitativa de análise fílmica (Vanoye; Goliot-Lété, 2008), com foco em seis cenas-chave selecionadas com base em sua importância para o problema de quatro conceitos centrais identificados: grupo, identidade e lugar, mercantilização, e futebol como símbolo de pertencimento. A interpretação dessas cenas se baseia em uma revisão teórica, com o auxílio de autores como Bourdieu (1998), Santos (1996), Ribeiro (1999) e os pesquisadores Machado, Júnior e Souza (2023), Carlos B. Vainer (2000) e Otilia Beatriz Fiori Arantes (2000).

Cena 1: Esta cena mostra como são os geraldinos da forma mais real possível, assim é possível entender como eles são políticos, ativos indiretamente para a sociedade, como Amazarray (2011) retrata, as pessoas vestem símbolos que os representam e defendem como se fossem seus, desta forma temos a importância do time e do estádio para com os torcedores e suas identidades próprias

Nesta cena inicial, o documentário apresenta os diferentes modos dos torcedores da geral, suas formas de torcer e reagir aos jogos, evidenciando como a Geral funcionava como um sistema social. Cada grupo possuía jeitos próprios, maneiras de agir e sentir, diferentes tipos de humor e ritual. As diversas formas retratadas indicam que, apesar de não serem iguais, havia entre esses sujeitos algo em comum: o símbolo construído e sua identidade estabelecida a partir da vida e da paixão pelo futebol.

Dessa forma conseguimos entender que liga-se diretamente ao conceito de grupo social enquanto forma de resistência, onde o pertencimento não está vinculado a estruturas formais, mas sim a práticas que eles possuem, símbolos e experiências comuns (Bourdieu, 1998). O “entendimento de grupo” na geral nasce da alma das pessoas, do som que cada um emite e como o som se forma em um só, da criação individual dos indivíduos.

A Geral era o território onde o torcedor popular podia existir de forma original e verdadeira, torcer, odiar, rir, gritar e até brigar, sem mediação institucional. Como ressalta Ribeiro (1999), a percepção do espaço está diretamente ligada ao ponto de vista de quem o ocupa: aquilo que se vê depende de onde se olha. Para os geraldinos, o Maracanã era um espaço de vida e não apenas de espetáculo, na geral só existia o sentimento de viver e sentir ela independente de tudo que estava acontecendo em suas vidas lá fora suas prioridades, problemas e perigos, era a geral, seu lugar onde podiam deixar de serem só mais um e agora terem uma identidade, serem geraldinos, deixar seu sentimento mais honesto dentro da geral, os geraldinos eram além de torcedores eram a identidade da geral.

Aqui, é possível entender como o espaço da geral não era algo simples, mas sim um espaço vivo, habitado por diversas personalidades distintas uma das outras que, mesmo com suas diferenças, tinha a mesma identidade coletiva. Assim pode-se observar que o ambiente gerado dialoga com a noção de espaço como lugar, carregado de simbolismos, práticas e afetividades (Machado; Júnior; Souza, 2023). A Geral funcionava como um espaço de pertencimento, onde o torcedor popular podia existir da forma mais natural em sua essência social e culturalmente em sua plenitude.

Cena 2: É notório entender também que nesta cena os geraldinos como políticos precisam de um local para se estabelecer além do seu símbolo político e da sua luta pelo que sempre foi seu de direito, sua casa seu lugar sagrado.

A cena mostra sem maquiagem as condições precárias em que os torcedores da geral assistiam aos jogos: em pé, expostos ao sol e à chuva, sem cadeiras, sem cobertura, sem conforto. Mesmo assim, ali estavam, firmes com seu propósito. Esse trecho reforça a ideia de que o valor do espaço não está na lugar, mas na vivência, no uso e no sentido colocado a ele pelos seus frequentadores. A geral, nesse contexto, se constitui como espaço de experiência (Santos, 1996), onde a sensação entre o corpo e o tempo se unem.

Essa cena também ilustra a resistência diante do aumento dos ingressos. Mesmo com o ingresso chegando a R\$10 antes da desativação (Folha, 2006), os torcedores permaneciam. A relação com o estádio ia além do consumo: é de fidelidade, de sacrifício e de identidade. Como destacam Machado, Júnior e Souza (2023), espaços populares que resistem à lógica da mercantilização são constantemente marginalizados ou apagados. A geral lutou enquanto pôde, e sua resistência era simbólica.

Essa cena prova o conceito de espaço como experiência, pois mostra como a relação com o estádio se dava por meio do corpo, do afeto e da resistência e da alma. A Geral era mais do que um setor; era um campo de experiências sociais compartilhadas (Santos, 1996), os torcedores populares lutavam contra para abandonar seu lugar, reforçando seu vínculo identitário com o espaço.

Cena 3: Uma das cenas mais impactantes deste documentário é o momento a qual o Maracanã começa a ser destruído para a construção de um lugar totalmente sem identificação, sem alma e artificial, com o que é mais importante sendo removido, a torcida. No começo da elitização do estádio, como Castellari (2010) fala sobre os estádios europeus e a mudança de torcedores para consumidores, o Maracanã passa pelo mesmo processo.

A ausência de diálogos nessa sequência tem um impacto significativo. O som de máquinas e a trilha sonora carregada estabelecem uma atmosfera de violência silenciosa, onde a destruição da geral ocorre sem justificativas públicas, sem diálogo, sem escuta, uma sonoplastia em sua essência. Aqui se concretiza a mercantilização do espaço urbano, que converte o estádio em produto de consumo visual e turístico (Bourdieu, 1998).

A cena traduz visualmente o que autores como Sánchez (2001) e Machado, Junior e Souza (2023) descrevem: a cidade se transforma em vitrine, e os corpos que não colaboram para sua imagem comercial são eliminados. O Maracanã passa a ser palco para o capital, não

mais para o povo. O futebol torna-se um negócio, e o torcedor um consumidor, passivo, sentado, silencioso.

A cena mostra o momento em que a cidade deixa de servir às pessoas para servir ao lucro. A gentrificação, nesse caso, é tanto física quanto simbólica (Machado; Júnior; Souza, 2023).

Cena 4: É uma cena que mostra de forma prática as consequências das atitudes que foram feitas de maneira prática na vida da geral. A polícia é colocada para expulsar todos os torcedores da geral. Esse foi o ponto inicial da redefinição de público do estádio do Maracanã.

Neste trecho, do documentário fica claro a exclusão direta dos geraldinos: seus rostos, suas vozes, suas reações. A expulsão física representa também a retirada simbólica, o esvaziamento de memória e presença a efetividade do discurso de esvaziamento que Gutierrez (2016) explica. É o ápice da gentrificação esportiva, onde a reconfiguração do espaço urbano vem acompanhada de um discurso de modernização que silencia a alma e o sentimento dos corpos populares da geral.

Machado, Júnior e Souza (2023) apontam que a gentrificação não é apenas um fenômeno espacial, mas relacional e narrativo: ela altera quem pertence aquele local e tira o direito à cidade e quem tem o poder de representar ela. A cena mostra a brutalidade desse processo, sem precisar dizer uma palavra somente sons e imagens.

Trata-se da expressão mais notória da gentrificação no contexto esportivo. A expulsão da população de baixa renda e sua substituição por um público consumidor se insere no que Sánchez (2001) chama de reconfiguração das cidades como vitrines de consumo. Ao transformar o Maracanã em um produto, os gestores públicos e privados expulsaram simbolicamente quem não mais se enquadra na lógica do espetáculo capitalista imposta por eles.

Cena 5: Como uma forma de mostrar o que está acontecendo nesta privatização, é apresentado um diretor de marketing responsável pelas mudanças comerciais e pela gestão de mercado do Maracanã, assim temos como os torcedores passaram a ser consumidores/mercadoria então pode se entender que foi usado o conceito de marketing urbano que é explicado por Vanier (2005) onde eles entendem qual tipo de consumidor eles querem que esteja consumindo este local e fazem a “venda” baseado nisso.

O depoimento de um dos responsáveis pela privatização do Maracanã traz uma fala com um discurso técnico, racional e economicista. A modernização é apresentada como necessária, e a substituição do público. Esse tipo de discurso é típico do que Bourdieu (1998) chama de violência simbólica institucionalizada: que é derivado de outros três tipos de capital, econômico, cultural, social o primeiro tem como objetivo falar sobre o controle e poder dos recursos financeiros e materiais que tem força para serem usados para obter bens, serviços ou gerar mais riqueza, o segundo fala sobre os recursos sociais que uma pessoa pode usar para promover a mudança social, como por exemplo a educação o intelecto e o estilo de fala, o terceiro é o social que tem o foco em um conjunto de pessoas/conexões que estão ligados com uma relação social uma mesma opinião ou luta, com isso em pauta pode-se entender que o depoimento tenta normalizar a desigualdade e ignorar a história carregada na geral.

A fala expõe a inversão da lógica pública: o Maracanã, construído com recursos do povo, passa a ser gerido como empreendimento privado. O futebol, patrimônio cultural imaterial, é reconfigurado como produto de luxo, acessível apenas a quem pode pagar por ele. Essa mercantilização legitima a exclusão social com base na ideia de eficiência.

Mesmo que os responsáveis pela privatização expõem os “benefícios” do processo, afirmando que isso traria modernização e conforto, essa fala mostra uma perspectiva classista, que legitima a exclusão em nome do progresso. Como explicam Machado, Júnior e Souza (2023), as justificativas da gentrificação geralmente ocultam seus efeitos reais sobre as

populações afetadas, sustentando-se em discursos de inovação e valorização que beneficiam apenas uma parcela da sociedade.

Cena 6: A cena final escolhida mostra a importância que tinha a geral para aquelas pessoas. Era muito mais que uma simples torcida, era o centro de uma união de toda uma gente, um legado que passava de geração para geração.

A última cena analisada é carregada de emoção. Um pai e um filho falam sobre o futebol e sua relação com o estádio, mostrando que o vínculo com o Maracanã não é apenas individual, mas intergeracional. O estádio, nesse caso, não é só cenário: é parte da narrativa de vida dessas pessoas, é identidade é lugar de sentimento.

Esse vínculo profundo confirma o que define o conceito de espaço como identidade: um lugar onde se produzem memórias, afetos e pertencimento (Ribeiro, 1999; Machado; Júnior; Souza, 2023). O futebol não é apenas jogo, é história, é família, é cultura, é sentimento. A morte da geral, portanto, não é apenas uma modernização espacial, mas um homicídio de identidade simbólica entre passado, presente e futuro.

Essa relação direta entre pertencimento e futebol revela o lugar como identidade, ideia no qual os sujeitos constroem e projetam parte de sua própria existência em determinados territórios (Ribeiro, 1999; Machado; Júnior; Souza, 2023). O futebol, nesse contexto, é mais que um esporte, é um gerador cultural que organiza histórias e vínculos sociais.

A análise fílmica de Geraldinos mostra que a morte da geral do Maracanã não foi um evento isolado, mas parte de um processo maior de gentrificação urbana e simbólica na cidade do Rio de Janeiro baseando se no plano estratégico da cidade, operado em nome da modernização e da lógica mercadológica. O documentário, dá nome aos rostos, as vozes e as experiências dos torcedores excluídos e atua como luta na narrativa, preservando a memória de um espaço que foi do povo e para o povo.

As seis cenas analisadas tem o objetivo de mostrar que o espaço da geral era mais do que um setor barato do estádio: era lugar vivido, espaço de identidade, palco de experiências coletivas e símbolo de luta popular. Sua morte representa a perda de uma parte importante da cultura brasileira, substituída por uma lógica que transforma torcedores em clientes e futebol em mercadoria como foi feito com a cidade.

Assim, Geraldinos não apenas mostra o fim de um espaço físico, mas prova a exclusão e eliminação indireta de uma identidade social inteira, uma identidade que, ainda que expulsa, resiste na memória e no afeto de quem viveu aquele espaço.

Considerações Finais

Este trabalho permitiu compreender como o futebol brasileiro, especificamente a partir da reforma que ocorreu no estádio no início do ano de 2005, passou por um intenso processo de gentrificação. O futebol, historicamente criado na cultura popular e disponível aos diversas partes sociais, que foi ao poucos se transformado em uma mercadoria com um público destinado, os agentes econômicos de alto investimento. O estádio passou a ser gerido sob o olhar do mercado, operando como empresas em busca de lucro financeiro apenas, assim o estádio foi remodelado para atender a um público consumidor, com maior poder de compra, excluindo os torcedores tradicionais para longe da porta da frente.

A reforma do Maracanã, mostrada no documentário Geraldinos (2015), mostrou a prova para essa ideia: a morte da geral, espaço popular com grande significado, por áreas VIP, cadeiras numeradas e camarotes, simboliza o enterro da identidade popular do futebol construída em torno da geral, em nome da modernização ou melhoria do estádio e da captação de novos investidores ou melhor novos clientes. O estádio, antes um lugar de sentimento, raiva, amor, ódio, com uma alma própria que foi construída e formada com identidade de pertencimento e de amor, se transformou em ambiente de consumo elitizado, privado para

uma parte de torcedores, um lugar vazio e quase sem alma, a pouca alma que restou foi forjada não naturalmente e criada para gerar um ambiente artificial, falso e sem ritmo.

Ademais, reforçamos que a Geral não é um espaço só de “flores”. Havia outras questões sociais, como condições precárias de acesso e estadia; exposição às interpéries do tempo e do estádio; violência entre torcedores e grupos organizados; discriminação e opressão à grupos minoritários no espaço. Entretanto, ao invés de uma busca de melhoria deste espaço para aqueles que ali frequentavam e construíram a história do futebol brasileiro, eles foram excluídos e retirados do jogo.

Diante do que foi apresentado, nasce uma discussão: é possível existir uma linha reta em conjunto com a lógica privada baseada no lucro sem fins com a presença do povo no seu espaço de origem no futebol? A análise aqui mostra que essa linha é inviável pois o lucro sem fim passa por cima de qualquer povo que esteja na frente dele. O futebol, enquanto espetáculo baseado no lucro, não opera junto do povo, ao contrário, ele não recicla, mas descarta os espaços que não geram lucro. A ideia vendida de modernização vem junto de ações e do discurso de esvaziamento simbólico e material, principalmente em cima do povo, quem construiu e fez do futebol algo além do esporte criando uma identidade, uma alma.

A elitização do futebol, não deve ser entendida somente como uma consequência da reforma física do estádio, mas como parte de uma ideia maior de reestruturação das cidades e suas mudanças na sociedade no geral e seu entorno. Ainda que alguns estudos argumentam que a modernização e o foco no dinheiro em primeiro lugar seja necessário para sustentar as finanças dos clubes, ela não pode ser feita às custas de quem faz o clube, seu torcedor. A vida do futebol como algo baseado no sentimento, baseado no que se sente pelo lugar e como se vê ele, depende da presença do torcedor do seu povo.

Se o futebol como lugar deseja manter-se vivo como uma forma de expressão social e identidade coletiva, é preciso se perguntar quem está entrando e quem está sendo expulso e para quem ele está sendo vendido. O futebol em seu estado puro de alma real só é justo quando ele está junto do seu corpo, a sua torcida.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE CINEMA. **Geraldinos**. Academia Brasileira de Cinema, 2017. Disponível em: <http://acervo.academiabrasileiradecinema.com.br/geraldinos/>. Acesso em: 07 de Maio de 2025.

ADORO CINEMA. Geraldinos. **Adoro Cinema**, 2017. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-236958/fotos/detalhe/?cmediafile=21464473>. Acesso em: 07 de Maio de 2025.

AFONSO, Gustavo Lemos. **Maracanã 65 anos: de templo do futebol a arena elitizada**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social), Faculdades Integradas Hélio Alonso, 2015.

AMAZARRAY, Igor Chagas. **O futebol: o esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. Uma estratégia fatal: A cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (org.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BHAZ. ‘**Volta, geral!**’ A torcida para que o povo volte a ter acesso ao Mineirão. Bfaz, 21 mar. 2023. Disponível em: <https://bhaz.com.br/noticias/bh/volta-da-geral-torcedores-esportistas-pedem>. Acesso em: 07 de Maio de 2025.

BORJA, Jordi; CASTELLS Manuel. **Local y global**: la gestión de las ciudades en la era de la información. Madrid: Taurus, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CASTELLARI, Ademir Ângelo. **O tradicional e o moderno no futebol brasileiro**: do moderno e de elite a uma moderna elitização. Dissertação de mestrado (Mestrado em Sociologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

EBLING, João Carlos Souto. **O preço da elitização do futebol brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação Lato Sensu em Jornalismo Esportivo), Centro de Ensino Unificado de Brasília, 2014.

FOLHA. Fla x Vasco tem adeus da geral e jogo da saudade. **Folha de São Paulo**, 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2201200612.htm>. Acesso em: 14 de Maio de 2025.

FOLHA. “Geraldinos” resgata descontração das antigas gerais de estádios. **Folha de São Paulo**, 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/05/1767078-geraldinos-resgata-descontracao-das-antigas-gerais-de-estadios.shtml>. Acesso em: 07 de Maio de 2025.

GERALDINOS. Direção: Pedro Asbeg; Renato Martins. Brasil: Palmares Produções e Jornalismo; Jackeline Filmes, 2015. Documentário (75min.).

GIRÃO, Cláudia. Maracanã: destruir ou preservar. **Vitruvius**, 2012. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4225>. Acesso em: 07 de Maio de 2025.

GOMES, Danilo Cortez; MORAES, Aline Fábila Guerra; HELAL, Diogo Henrique. Faces da cultura e do jeitinho brasileiro: uma análise dos filmes O Auto da Compadecida e Saneamento Básico. **Holos**, v. 6, p. 502-519, 2015.

GUTTERES, Anelise dos Santos. O rumor e o terror na construção de territórios de vulnerabilidade na zona portuária do Rio de Janeiro. **Mana**, v. 22, n. 1, 2016.

MACHADO, Andrez; JUNIOR, Paulo; SOUZA, Rogério. Quanto vale um samba? Gentrificação e especulação imobiliária em um bairro do Rio de Janeiro. **Entropia**, v. 7, n. 13, p. 174–203, 2023. Disponível em: <https://www.entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/466/509>. Acesso em: 13 de Maio de 2025.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. ed. 15. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MORAES, Aline Fábila Guerra; GOMES, Danilo Cortez; HELAL, Diogo Henrique. Jeitinho Brasileiro e Cultura: uma análise dos filmes Tropa de Elite 1 e 2. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, p. 84-104, 2016.

OBSERVATÓRIO. Morte de torcedor 'raiz' coloca luz no debate sobre a exclusão social nos estádios brasileiros. **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, 2017. Disponível em:
<https://observatorioracialfutebol.com.br/morte-de-torcedor-raiz-coloca-luz-no-debate-sobre-a-exclusao-social-nos-estadios-brasileiros/>. Acesso em: 07 de maio de 2025.

R7. Demagogia. Atraso. Ganância dos clubes. A volta da geral no Maracanã. **Esportes R7**, 2019. Disponível em:
<https://esportes.r7.com/prisma/cosme-rimoli/demagogia-atraso-ganancia-dos-clubes-a-volta-da-geral-no-maracana-24092019>. Acesso em: 07 de Maio de 2025.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. As leituras da cidade. Intervenção como moderadora de mesa. In: SEMINÁRIO "Repensando as políticas públicas e a ação na cidade". **Anais...** Rio de Janeiro, 1999.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia e Política**, n. 16, p. 31-49, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Maurício. Futebol é espetáculo? **Portal Carsughi UOL**, 2020. Disponível em:
<https://carsughi.uol.com.br/2020/05/futebol-e-espetaculo/#:~:text=Aprofundando%20a%20discuss%C3%A3o%20do%20ponto,atender%20necessidades%20b%C3%A1sicas%20de%20satisfa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 09 de Maio de 2025.

TERRA. Ex-técnico do Flamengo, Apolinho fala de saudades da Geral: "Agora está muito quietinho". **Terra**, 2021. Disponível em:
<https://www.terra.com.br/esportes/ex-tecnico-do-flamengo-apolinho-fala-de-saudades-da-geral-agora-esta-muito-quietinho,8ebdb0498eb2662f722d31d26fb2b3bcc35qn4fa.html>. Acesso em: 05 de Dezembro de 2023.

UOL ESPORTE. Média cai, mas Flamengo vê caminho 'natural' em preços mais altos no ingresso. **UOL**, 2025. Disponível em:
<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2025/02/25/media-cai-mas-flamengo-ve-caminho-natural-em-precos-mais-altos-no-ingresso.htm>. Acesso em: 14 de Maio de 2025.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (org.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Trad: Marina Appenzeller. 5 ed. Campinas: Papirus, 2008.